

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ELIAS ASSIS SCHIMMELPHENNING

***Moby Dick, Os Trabalhadores do Mar e o Manifesto Comunista: a
representação do trabalho no espaço ficcional***

**Jaguarão
2016**

ELIAS ASSIS SCHIMMELPHENNING

***Moby Dick, Os Trabalhadores do Mar e o Manifesto Comunista: a
representação do trabalho no espaço ficcional***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras Português/Espanhol e suas
Respectivas Literaturas, da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial
para obtenção do Título de Licenciado em
Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia
Montano Boessio

**Jaguarão
2016**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

335m Schimmelphenning, Elias Assis
Moby Dick, Os Trabalhadores do Mar e o Manifesto Comunista: a representação do trabalho no espaço ficcional / Elias Assis Schimmelphenning.
33 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS - HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/ESPANHOL E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2016.

"Orientação: Ana Lúcia Montano Boessio".

1. Literatura e História. 2. Literatura Comparada. I. Título.

ELIAS ASSIS SCHIMMELPHENNING

***Moby Dick, Os trabalhadores do Mar e o Manifesto Comunista: a
representação do trabalho no espaço ficcional***

*Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras Português/Espanhol e suas
respectivas literaturas, da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial
para obtenção do Título de Licenciado em
letras.*

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 22 de agosto de 2016.

Banca examinadora:



Prof^a Dr^a Ana Lúcia Montano Boessio
Orientadora
(UNIPAMPA)



Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon
(UNIPAMPA)



Prof. Dr. Sandro Martins Costa Mendes
(UNIPAMPA)

Dedico este trabalho a todos os seus coautores e “coentusiastas”, que com seus ensinamentos e palavras de apoio e estímulo, tornaram sua escrita uma tarefa possível.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela existência, proteção e bondade. Aos meus familiares, em especial meu pai e minha mãe, pelo apoio, confiança e amor incondicional. Aos amigos de todas as horas, forasteiros ou nativos deste lugar, que partilham comigo sonhos revolucionários e contentamentos genuinamente simples. Agradeço também a todos os professores do curso, pela dedicação empregada na árdua tarefa de expandir horizontes, especialmente à Prof. Ana Boessio, orientadora deste trabalho, e ainda às inúmeras paixonites, em especial a querida Caroline, que com sua formosura permeou minha existência nestes tempos de ausências. Obrigado!

Un zulú con chistera y chaquet
Pide Coca-cola en perfecto inglés
Aparece una nueva ciudad
Y otra antigua duerme bajo el mar
Y allá un viejo pescador canta al trabajar
La la la la la la la la...

(...)

En el 2000 ha crecido el mar
Y un gran lago cubre el Canadá
En Japón bajo el signo del sol
Se corona rey a un cantante rock
Se descubre petróleo en Plutón
Es posible ya la resurrección
Y allá un viejo pescador
Canta al trabajar
La la la la la la la la...
Canta al trabajar

(Joe Dassin – *La Vida Viene*)

RESUMO

O presente trabalho, fruto da confluência de diferentes campos do conhecimento – Literatura, história, política e estudos culturais – apresenta uma análise comparatista das obras *Moby Dick* (1851), de Herman Melville, e *Os Trabalhadores do Mar* (1866), de Victor Hugo, tendo como contraponto o *Manifesto Comunista* (1848), de Karl Marx & Friedrich Engels. O objetivo específico é problematizar o modo como o texto literário se apropria de fatos históricos referentes à revolução industrial e ao estabelecimento das bases do trabalho na sociedade moderna, tais como: a evolução dos meios de produção, a expansão comercial e as mudanças ocorridas no setor das atividades marítimas, um dos principais propulsores de todo o processo de industrialização, com a consequente divisão da sociedade em duas grandes classes – proletariado e burguesia. Nesse contexto, os personagens Ishmael (MELVILLE) e Mess Lethierry (HUGO) constituem-se como representações sociais dessa nova ordem no universo do trabalho e, portanto, como chaves de leitura para essa dimensão histórica do texto literário. Em *Moby Dick*, Melville utiliza-se da ironia e da intertextualidade para problematizar as condições a que estavam submetidos os proletários na virada da segunda metade do século XIX, dotando sua narrativa de um cunho contestatório, e aproximando sua obra ficcional de questões centrais trazidas pelo *Manifesto Comunista*. Em *Os Trabalhadores do Mar*, mesmo que não problematizados explicitamente por Victor Hugo, não foram apagados da narrativa aspectos como a importância das maquinarias, a efetivação das relações comerciais e a lucratividade sem precedentes da classe burguesa, evocando também aspectos referidos no *Manifesto*. Portanto, serão utilizados como referencial teórico os autores Sandra Nitrini, Hayden White e Roger Chartier; estes últimos, nomes relevantes para a crítica da narrativa historiográfica, apontando a indissociabilidade da literatura e da história, uma vez que se constituem por meio da linguagem. Na visão desses historiadores, a narrativa ficcional tem demonstrado uma grande capacidade de moldar representações coletivas do passado, tanto quanto a própria história.

Palavras-chave: Literatura e História; Trabalho; *Manifesto Comunista*; *Moby Dick*, *Os Trabalhadores do Mar*.

RESUMEN

El presente trabajo, fruto de la confluencia de distintos campos del conocimiento – Literatura, historia, política y estudios culturales – presenta un análisis comparatista de las obras *Moby Dick* (1851), de Herman Melville, y *Os Trabalhadores do Mar* (1866), de Victor Hugo, teniendo como contrapunto el *Manifiesto Comunista* (1848), de Karl Marx & Friedrich Engels. El objetivo específico es problematizar el modo como el texto literario se apropia de hechos históricos referentes a la revolución industrial y al establecimiento de las bases del trabajo en la sociedad moderna, tales como: la evolución de los medios de producción, la expansión comercial y los cambios ocurridos en el sector de las actividades marítimas, uno de los principales propulsores de todo el proceso de industrialización, con la consecuente división de la sociedad en dos grandes clases – proletariado y burguesía. En este contexto, los personajes Ishmael (MELVILLE) y Mess Lethierry (HUGO) se constituyen como representaciones sociales de esa nueva orden del universo del trabajo y, por lo tanto, como llaves de lectura para esa dimensión histórica del texto literario. En *Moby Dick*, Melville se utiliza de la ironía y de la intertextualidad para problematizar las condiciones a que estaban sometidos los proletarios en la segunda mitad del siglo XIX, dotando su narrativa de un cuño contestatario, y aproximando su obra ficcional de cuestiones centrales traídas por el *Manifiesto Comunista*. En *Os Trabalhadores do Mar*, mismo que no problematizados explícitamente por Victor Hugo, no fueron apagados de la narrativa aspectos como la importancia de las maquinarias, a la efectividad de las relaciones comerciales y la rentabilidad sin precedentes de la clase burguesa, evocando también aspectos referidos en el *Manifiesto*. Por lo tanto, serán utilizados como referenciales teóricos los autores Sandra Nitrini, Hayden White y Roger Chartier; estos últimos, nombres relevantes para la crítica de la narrativa historiográfica, apuntando la indisociabilidad de la literatura y de la historia, una vez que se constituyen por medio del lenguaje. En la visión de estos historiadores, la narrativa ficcional ha demostrado una gran capacidad de moldear las representaciones colectivas del pasado, tanto cuanto la propia historia.

Palavras chave: Literatura y Historia; Trabajo; *Manifiesto Comunista*; *Moby Dick*, *Os Trabalhadores do Mar*.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: LITERATURA E HISTÓRIA EM CONTATO.....	12
2	O MANIFESTO DO TRABALHO NO ESPAÇO FICCIONAL DE <i>MOBY DICK</i> E OS TRABALHADORES DO MAR.....	16
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
	REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

Como é sabido, as bases do trabalho na sociedade contemporânea se estabelecem na revolução industrial, um dos mais importantes eventos da história da humanidade. As mudanças ocorridas no setor das atividades marítimas, mais especificamente – um dos principais propulsores de todo o processo de industrialização –, continuam sendo relevantes para a compreensão de diferentes transformações que marcaram os novos tempos, e ainda se refletem na vida contemporânea, encontrando na literatura espaço fértil de representação e problematização.

Nessa perspectiva, o presente trabalho é fruto da confluência de diferentes campos do conhecimento: Literatura, história, política e estudos culturais, aos quais dedico não apenas horas de pesquisa laboriosa, mas também de lazer. Da paixão pela política, nasce a militância no campo popular de matriz trabalhista e leituras da história política mundial, voltadas às questões de classe. Da paixão pela navegação e pela pesca, nasce o interesse por duas das mais relevantes obras da literatura universal sobre o tema: *Moby Dick* (1851) do americano Herman Melville, e *Os Trabalhadores do Mar* (1866) do francês Victor Hugo, tendo como contraponto o *Manifesto comunista* (1848) dos alemães Karl Marx & Friedrich Engels, que remonta ao período da revolução industrial e trata do estabelecimento das bases do trabalho na sociedade moderna, como a evolução dos meios de produção, expansão das relações comerciais, transformações das relações de trabalho, e a divisão da sociedade em duas classes – proletariado e burguesia.

Busca-se, portanto, através de uma análise comparatista, e tendo como referência o *Manifesto Comunista* de Marx & Engels, problematizar o modo como o texto literário se apropria de fatos históricos, através da constituição de seus personagens, percebidos enquanto agentes de representação social da época e, em especial, enquanto desveladores de um sistema de relações de trabalho. Neste sentido, as obras *Moby Dick*, de Herman Melville, e *Os Trabalhadores do Mar*, de Vitor Hugo, escritas no mesmo período histórico do Manifesto, e que tem como pano de fundo de suas narrativas as atividades comerciais marítimas, meio propulsor direto de todo o processo histórico da revolução industrial, constituem-se como um espaço de leituras multidimensionais que permitem aproximações entre textos

aparentemente discrepantes, como é o caso de um texto de cunho político e dois clássicos da literatura mundial.

Para a realização deste trabalho, foram utilizadas como referencial teórico as obras *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*, de Sandra Nitrini, professora titular de teoria literária e literatura comparada da (USP), cujo campo de atuação são os estudos comparatistas; *Teoria Literária e Escrita da História*, de Hayden White; e *A História ou a Leitura do Tempo*, de Roger Chartier; estes últimos, respectivamente, historiadores estadunidense e francês que, com seus estudos, contribuíram significativamente para a crítica da narrativa de cunho historiográfico. Além disso, o *Manifesto Comunista*, de Karl Marx & Friedrich Engels.

1 DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: LITERATURA E HISTÓRIA EM CONTATO

Como afirma Sandra Nitrini (2010), a tarefa de delimitar o campo disciplinar da literatura comparada não é das mais simples, uma vez que seus objetivos e conteúdos estão em constante mudança. Buscar compreendê-la exige necessariamente revisitar sua constituição, a qual data dos primórdios da própria literatura, bastando a existência de mais de um sistema literário para que se configure um processo de leitura comparatista, mesmo sem que existisse ainda um projeto comparatista elaborado. Como disciplina acadêmica e atividade intelectual, o marco temporal da instituição da literatura comparada se dá no século XIX, e sua expressão advém do processamento metodológico, no qual comparar ou contrastar tinha o intuito de confirmar hipóteses. Inicia, então, a partir de uma visão cosmopolita e da possibilidade de um constante intercâmbio entre as literaturas estrangeiras, sendo que a oferta do ensino da literatura comparada deu-se primeiramente nas universidades francesas, visando problematizar a influência de “pensamento sobre pensamento”.

Epistemologicamente, o campo de estudos e métodos da literatura comparada mantém-se estável desde o seu surgimento no final do século XIX até meados do século XX, quando seus métodos e objetos passam a ser questionados. Com a derrocada do neocolonialismo pós-guerra, em meio ao declínio de correntes de pensamento cientificistas que constituíam a gênese da literatura comparada, como o positivismo e o darwinismo, conceitos como influência passam a ser problematizados. Não mais apenas obras de distintas nacionalidades são objetos de estudos comparatistas, com o intuito de averiguar qual foi mais ou menos influenciada, mas o próprio texto literário, como objeto estético, em detrimento das fontes e influências. Assim, com a renovação dos estudos no campo da literatura comparada, deflagrada em meados do século XX, ganha força a teoria da intertextualidade, passando a análise do texto a englobar as relações com o sujeito, o inconsciente e a ideologia. Ou seja, o texto passa a ser concebido como um cruzamento de diferentes superfícies textuais, um mosaico de citações absorvidas e transformadas. Esse diálogo entre texto, escritor, leitor e contextos atuais ou anteriores está situado na história e na sociedade, as quais se configuram como textos a serem lidos pelo escritor.

Na década de 1980, porém, observa-se nos estudos comparatistas uma ênfase em uma nova dimensão, em que a história e o contexto passam a ser integrados à teoria literária, em “busca da essência tipológica do fenômeno literário” (NITRINI, 2010, p. 118). Devido à grande influência dos “cultural studies” nos estudos literários, em que teorias alheias à literatura trazem outros paradigmas aos estudos comparatistas e a redefinição dos objetos de pesquisa, desde qualquer forma de expressão cultural, das mais populares às mais tradicionais, tidas anteriormente como inadequadas aos estudos acadêmicos, fazem com que os estudos comparatistas aproximem a literatura a outras artes e domínios do saber. Vale ressaltar que um dos campos do conhecimento imbricados tradicionalmente à literatura é a história, mas foi somente a partir dos avanços das concepções da teoria da literatura comparada que emergiram as análises confluindo os dois campos. Isso se dá pelo fato de ambos se constituírem pela linguagem, uma vez que a própria escrita histórica é sempre uma narrativa, um discurso histórico interpretativo.

Segundo Hayden White (1991), a teoria literária se concentra no estudo entre o discurso historiográfico e os fatos históricos passados. De acordo com o autor, uma das contribuições diretas da teoria literária à interpretação da escrita histórica é a substituição da noção de estilo e conteúdo histórico, ou seja, de forma e conteúdo como passíveis de dissociação, pela atual concepção da indissociabilidade de ambos do contexto discursivo. Essa demora no reconhecimento da importância da linguagem para compreender o discurso histórico se deve ao fato de que filósofos da história tratavam a linguagem como um meio não-problemático e transparente, tanto nas suas representações quanto na expressão do seu pensamento sobre os eventos narrados.

O discurso literário pode diferir do discurso histórico devido a seus referentes básicos, concebidos mais como eventos ‘imaginários’ do que ‘reais’, mas os dois tipos de discurso são mais parecidos do que diferentes em virtude do fato de que ambos operam a linguagem de tal maneira que qualquer distinção clara entre sua forma discursiva e seu conteúdo interpretativo permanece impossível (WHITE, 1991, p.5).

Sob essa perspectiva, o discurso histórico pode ser primordialmente classificado como mais interpretativo do que explicativo ou descritivo. Sua escrita

tem as mesmas estratégias de figuração linguística utilizadas pelos escritores imaginativos para dotar sua narrativa de significados.

É a natureza metafórica dos grandes clássicos da historiografia que explica por que nenhum deles jamais “encaixotou” um problema histórico definitivamente, mas antes sempre “destampou” uma perspectiva sobre o passado que inspira mais estudo. É este fato que nos autoriza a classificar o discurso histórico primordialmente como interpretação, mais do que como uma explicação ou descrição, e sobretudo como um tipo de escrita que, em vez de apaziguar nossa vontade de saber, nos estimula a cada vez mais pesquisa, cada vez mais discurso, cada vez mais escrita. (WHITE, 1991, p.6).

Nesse sentido, todos os eventos históricos são, primeiramente, representados através de uma crônica e, posteriormente, transformados numa estória com começo, meio e fim, sendo os significados dos eventos construídos a partir de argumentos contidos na crônica. A historiografia utiliza-se, da mesma maneira que as narrativas ficcionais, de tropos de linguagem, como a metáfora, metonímia, sinédoque e ironia para construir seus significados. O que implica dizer que o discurso histórico é “ficção de uma ficção” – não sendo ele “verdadeiro”, já que as histórias não são vividas, mas sim escritas e contadas. A tropologia se configura como útil à análise da narrativa historiográfica, uma vez que a mesma é um modo discursivo em que verdades literais ou figurativas de dadas culturas são expressas em suas ficções, e demonstram como determinada cultura via a si mesma e ao outro. Ainda, as formas de enredo dominantes dessa cultura, para imaginar diferentes tipos de significados, podem ser medidas, não encontrando apenas as formas de ficção produzidas, mas também os graus de verdade e realismo dessas formas de ficção com relação a fatos da realidade histórica e, por conseguinte, ao nosso conhecimento histórico dessa realidade.

De acordo Roger Chartier (2009), apesar de parecer clara a diferença entre história e ficção, seja ficção literária ou mítica, a literatura é um discurso que se “informa” do real, mas não tem a pretensão de comprová-lo nem o representar; a história, em contrapartida, tem a pretensão de representar e comprovar a realidade passada. Essa distinção deixa de ser simples na medida em que a narrativa ficcional tem demonstrado, ao longo da história, uma grande capacidade de moldar tanto quanto a própria história as representações coletivas do passado. Uma segunda problemática nessa distinção entre narrativa ficcional e histórica se estabelece na

medida em que a literatura muitas vezes não se apodera apenas do passado, mas também de elementos, técnicas e objetos próprios da disciplina histórica, a fim de trazer ares de realidade ao texto ficcional. Portanto, as narrativas histórica e ficcional estão intrinsecamente ligadas não só por se constituírem por meio da linguagem, mas também por mutuamente estabelecerem suas narrativas utilizando-se, da mesma maneira, de tropos de linguagem para a construção de seus significados. Além disso, ambas operam da mesma forma, como representações de um coletivo passado, valendo-se de elementos de justificação comuns e tornando, assim, as narrativas ficcional e histórica indissociáveis.

Essa indissociabilidade da literatura de seu contexto histórico pode ser percebida nas obras *Moby Dick*, de Herman Melville, e *Os Trabalhadores do Mar*, de Victor Hugo, contemporâneas à escrita do *Manifesto Comunista*, de Marx & Engels, estando ambos – documento histórico e obras ficcionais – imersos no mesmo cenário de transfiguração das relações trabalhistas, ocasionadas pela revolução industrial. Neste estudo, o foco de análise serão os personagens Ishmael, personagem-narrador da obra de Melville, e Mess Lethierry, personagem que, apesar de secundário, é fundamental para a constituição da trama, funcionando como elemento de costura entre as várias dimensões da narrativa na obra de Victor Hugo. Percebidos como agentes de representação social, possibilitam uma análise comparatista das obras através da aproximação dos campos da literatura e da história, uma vez que abordam questões referentes ao trabalho, também expressas em documentos da época. Ou seja, os personagens constituem-se chaves de leitura para o desvelamento das dimensões históricas do texto literário.

2 O MANIFESTO DO TRABALHO NO ESPAÇO FICCIONAL DE *MOBY DICK* E OS TRABALHADORES DO MAR

Publicado no ano de 1848, o *Manifesto Comunista* é tido até os dias de hoje como um dos documentos históricos de maior influência mundial, não somente por seu cunho político, mas por, através de seu conteúdo, ser possível imergir em uma análise histórica do trabalho. Um documento que, apesar de problematizar as relações de trabalho em um tempo que dista 168 anos da nossa realidade, ainda apresenta uma forte carga de atualidade. Traduzido para diversos idiomas, nas décadas posteriores, a cada nova tradução do *Manifesto*, Marx & Engels escreveram prólogos, adaptados às conjunturas políticas e sociais dos países a que as novas traduções se destinavam. Nesses prólogos, os autores apresentam considerações acerca da atualidade ou defasagem do texto que, segundo os mesmos, por se tratar de um documento histórico, não era cabível a atualização, como se pode ver neste trecho do prólogo dedicado à edição alemã de 1872 do *Manifesto*.

Por mais que tenham mudado as condições nos últimos vinte e cinco anos, os princípios gerais expressados nesse Manifesto conservam, em geral, toda a sua exatidão. Em algumas partes certos detalhes devem ser melhorados. Segundo o próprio Manifesto, a aplicação prática dos princípios dependerá, em todos os lugares e em todas as épocas, das condições históricas vigentes e por isso não se deve atribuir importância demasiada às medidas revolucionárias propostas no final da seção II. [...] Porém, o Manifesto tornou-se um documento histórico que não nos cabe mais alterar. Uma edição futura talvez apareça com uma introdução que preencha a lacuna entre 1847 e os nossos dias; a atual edição foi inesperada demais para que tivéssemos tempo de fazê-lo (MARX & ENGELS, 2003, p.7).

A escrita posterior de prólogos feita por Marx & Engels para o *Manifesto*, ressignificam alguns aspectos, porém na mesma medida reafirmam outros, uma vez que não os mencionam como ultrapassados ou cabíveis de aprimoramento. Muito pelo contrário, os princípios gerais, nas palavras de Marx & Engels (2003, p. 7) “conservavam em geral toda a sua exatidão”.

Escritas no mesmo período histórico, quase simultaneamente ao *Manifesto*, no caso de *Moby Dick* (1851), e *Os Trabalhadores do Mar*, publicado no ano de (1866), permitem uma análise dialógica entre os dois campos, uma vez que, da mesma forma que o *Manifesto*, essas narrativas literárias em estudo também lançam luz sobre a transformação das relações de trabalho, com a evolução dos meios de

produção, a expansão comercial e a divisão social em duas classes – proletários e burgueses.

Narrado em primeira pessoa, *Moby Dick* tem como narrador onisciente e personagem principal Ishmael, um jovem estadunidense que, mesmo descendendo de uma família tradicional, com o surgimento da sociedade moderna burguesa, encontra-se na classe dos proletários, assim como os menos favorecidos historicamente. Sua formação é a de professor, mas sua grande paixão é o mar, do qual se utiliza, segundo ele próprio, para recobrar o equilíbrio. Como não tem dinheiro para comprar uma passagem, embarca em suas viagens marítimas como empregado. Não rejeita nenhum posto de trabalho, mas costuma ir ao mar como marinheiro raso, não se importando em executar tarefas menores a mando de outros tripulantes.

Eu nunca vou como passageiro; tampouco, embora faça o tipo de marinheiro, embarco como Comodoro, Capitão ou Cozinheiro. Deixo a glória e a distinção de tais postos para os que gostam disso. Abomino todas as tarefas, testes e tribulações honrosas e respeitáveis de qualquer tipo. Tomar conta de mim mesmo, sem me ocupar de navios, barcas, brigues, escunas e outras embarcações é tudo o que sei fazer. [...] quando vou ao mar, vou como marinheiro raso, logo à frente do mastro, no prumo do castelo de proa ou no topo do mastaréu de joanete. É verdade que recebo ordens, fazem-me saltar de verga em verga, como um gafanhoto num prado em maio. E, a princípio, esse tipo de coisa é bastante desagradável. Fere o sentimento de honra, sobretudo quando você descende de uma família antiga, há muito estabelecida no país, como os Van Rensselaers, Randolphs ou Hardicanutes. E mais ainda, se pouco antes de botar a mão no barril de alcatrão você a teve em pleno domínio como professor no campo, fazendo com que os alunos maiores se curvassem de medo diante de você. A mudança de professor para marinheiro é brutal, posso garantir, e exige forte decocção de Sêneca e dos estóicos para agüentá-la com sorrisos. Mas até isso passa com o tempo. E daí se um caco velho, um capitão decrépito me der a ordem de pegar uma vassoura e varrer os conveses? [...]. Quem não é escravo? Responda essa (MELVILLE, 2013, p.20).

A partir do fragmento acima transcrito, pode-se observar uma das novas questões que surgem na sociedade moderna burguesa: A ruptura entre aptidão, formação e trabalho. Como mencionado, Ishmael tem como formação profissional a docência, mesmo sendo as atividades marítimas a sua grande paixão. Denota-se aqui um fato característico da modernidade, um desapego à vocação e à formação profissional, abdicadas em detrimento do mercado e das oportunidades mais rentáveis. Ou seja, identifica-se a subserviência ao capital e ao mercado acima de qualquer sentimento de orgulho ou prazer. Em *Moby Dick*, Melville utiliza-se da ironia para abordar a relação que proletários e burgueses estabelecem com o capital:

mesmo sabidas as condições a que estavam submetidos os trabalhadores assalariados, no século XIX, o autor apresenta como desafortunados os burgueses, que têm ou podem pagar pelas prestações de serviços. Considerando como o “castigo mais desagradável” o ter que pagar, partindo da premissa que o dinheiro é a raiz de todos os males, em mais uma franca ironia, o discurso do personagem fere o sistema com uma ideia revolucionária, a de não subserviência ao capital, tão prezado na moderna sociedade burguesa. Além disso, evidencia o desinteresse pelo *status quo*, insinuando que a plebe estaria à frente das classes dominantes, sem que estas sequer o suspeitassem. Nesse jogo retórico, o leitor é provocado a colocar em xeque não só a relação proletariado-burguesia, mas o trabalho em si no mundo capitalista, bem como a relação entre valores humanos e o capital. Uma estratégia efetiva para isso é a escolha recorrente, da parte do autor, por referências bíblicas.

Como disse, sempre vou ao mar como marinheiro, pois fazem questão de me pagar pelo pepino, ao passo que não pagam, que eu saiba, um centavo sequer aos passageiros. Pelo contrário, são os passageiros que têm de pagar. E existe toda a diferença do mundo entre pagar e ser pago. O ato de pagar talvez seja o castigo mais desagradável que os dois ladrões do jardim nos legaram. Mas ser pago – o que se pode comparar a isso? A atividade urbana pela qual um homem recebe dinheiro é mesmo maravilhosa, considerando-se que acreditamos que o dinheiro esteja na raiz de todos os males terrenos, e que em hipótese alguma um homem endinheirado possa entrar no reino dos céus. Ah!, com que alegria nos entregamos à perdição! Por fim, sempre vou ao mar como marinheiro por causa do exercício saudável e do ar puro do castelo de proa. Pois neste mundo os ventos de proa são mais frequentes do que os ventos de popa (isto é, se você não violar a máxima de Pitágoras), e assim, na maior parte das vezes, o Comodoro no tombadilho superior recebe dos marinheiros do castelo um ar de segunda mão. Ele pensa que respira primeiro, mas não é assim. De um modo muito parecido, a plebe está à frente de seus líderes em muitas outras coisas, enquanto os líderes nem suspeitam disso (MELVILLE, 2013, p. 21).

De fato, o que diferencia a sociedade moderna burguesa da sociedade feudal é a necessidade de uma ocupação remunerada, que garanta a sobrevivência, ao passo que, anteriormente, cada trabalhador especializava-se em um ramo de atividade e por toda vida nela atuava, sendo sua produção artesanal ou semiartesanal. Realidade distinta a que está condicionado o proletariado após a revolução industrial, quando as fábricas ou segmentos empregadores do mercado passam a recrutar grandes massas de trabalhadores, dependendo da necessidade de sua escala de produção ou serviços, não necessitando a esses trabalhadores recrutados uma grande especialização para as atividades que executarão. Porém, a estabilidade na função executada passa a estar condicionada constantemente à

ventura dos setores em que estão empregados, bastando alguma crise econômica ou qualquer outra intempérie, para haver uma grande leva de demissões, forçando assim os proletários a procurar por outras ocupações de qualquer ordem, que lhes garantam o sustento, como aponta o *Manifesto Comunista*:

A burguesia despojou de sua auréola toda a ocupação até então considerada honrada e encarada com respeito. Converteu o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem da ciência em trabalhadores assalariados. [...] A burguesia rasgou o véu sentimental da família, reduzindo as relações familiares a meras relações monetárias. A burguesia não pode existir sem revolucionar constantemente os meios de produção e, por conseguinte, as relações de produção e, com elas, todas as relações sociais. Ao contrário, a conservação do antigo modo de produção constituía a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. A revolução contínua da produção, o abalo constante de todas as condições sociais, a eterna agitação e certeza distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Suprimem-se todas as relações fixas, cristalizadas, com seu cortejo de preconceitos e ideias antigas e veneradas; todas as novas relações se tornam antiquadas, antes mesmo de se consolidar. Tudo o que era sólido se evapora no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e por fim o homem é obrigado a encarar com serenidade suas verdadeiras condições de vida e suas relações com a espécie (MARX & ENGELS, 2003, p. 28-29).

As considerações trazidas pelo *Manifesto* podem ser aferidas em *Moby Dick*, através do personagem Ishmael, professor por formação, mas que já executou diversas funções na marinha mercante e se dispõem a embarcar no Pequod em qualquer posto, como já citado. Ainda acerca do contínuo abalo da produção e nas relações dos proletários com suas ocupações, o que é expresso em o *Manifesto* é referendado com mais clareza em *Os Trabalhadores do Mar*, na descrição das inúmeras funções e profissões exercidas por Mess Lethierry ao longo de sua vida, até se tornar dono de sua própria embarcação.

Mess Lethierry viajou a França toda como carpinteiro. Trabalhou nos aparelhos para esgoto das salinas de Franche-Comté. Aquele honrado homem teve uma vida de aventureiro. Na França aprendeu a ler, a pensar, a querer. Fez tudo, e de quanto fez extraiu a probidade. O fundo da sua natureza era o marinheiro (HUGO, 2002, p. 23).

Dentro do sistema capitalista, como já referido, qualquer sentimento de orgulho ou vocação é preterido ao capital, e como uma representação do sistema, o capitão Ahab, comandante do Pequod e líder da expedição baleeira, sabe que para conseguir um maior empenho e comprometimento nas tarefas é necessário oferecer o que os tripulantes do navio almejam: dinheiro. Ahab, como forma de motivação,

coloca pregada no mastro do navio uma moeda de ouro a qualquer um que avistar *Moby Dick*, consciente de que, nesse novo mundo capitalista, o que move os homens, mesmo em uma viagem perigosa e desgastante, não é outra coisa senão o dinheiro.

Todos vós, gajeiros, já me ouvistes dar ordens a respeito de uma baleia branca. Prestai atenção! Vedes este dobrão de ouro da Espanha?” – exibindo uma grande moeda que brilhava ao sol – “é uma moeda de dezesseis dólares, marinheiros. Vedes? Sr. Starbuck, passa-me aquela marreta.” Enquanto o oficial pegava o martelo, Ahab, sem falar, esfregava lentamente a moeda de ouro contra as mangas do casaco, como se quisesse avivar-lhe o brilho, e, sem usar nenhuma palavra, cantarolava baixinho, produzindo um som tão estranhamente abafado e sem sentido, que parecia o barulho mecânico da roda da vitalidade que tinha dentro de si. Ao receber a marreta de Starbuck, adiantou-se na direção do mastro principal, com o martelo erguido numa mão, exibindo a moeda de ouro na outra, e exclamou em alto e bom som: “Aquele de vós que sinalizar para mim uma baleia de cabeça branca e mandíbula deformada, aquele de vós que sinalizar para mim uma baleia de cabeça branca e uma fronte enrugada, com três furos a estibordo da cauda – prestai atenção, aquele de vós que sinalizar para mim essa baleia branca receberá esta moeda de ouro”. “Hurra! Hurra!”, gritaram os marinheiros, enquanto agitavam os chapéus para saudar o ato de pregar o ouro no mastro (MELVILLE, 2013, p.157).

Em uma sociedade desprovida de valores humanos nos negócios, nem a devida distribuição das riquezas produzidas, não é de se espantar que até mesmo a dignidade tenha baixo valor. Evidenciada no trecho que segue, em busca de ganhos econômicos, Stubb, um dos oficiais da tripulação de Ahab, tenta de forma sorrateira levar vantagem sobre a tripulação de um navio francês, uma vez que a mesma desconhecia uma riqueza própria das baleias doentes, o âmbar gris, utilizado na indústria de cosméticos e de altíssimo valor de mercado. Tal passagem causa espanto não somente pela escusa manobra arquitetada por Stubb, mas também por seu ganho ser condicionado a um trabalho insalubre: abrir um cadáver à deriva, em estado avançado de putrefação; tudo isso por iniciativa própria, evidenciando com tal gesto não fazer objeção aos trabalhos insalubres nem às falcatruas, desde que lhe rendam ganhos.

Stubb concluiu que seu plano poderia render bons frutos e, voltando-se ao nativo de Guernsey, teve uma breve conversa com ele, durante a qual o estranho imediato manifestou seu despreço pelo Capitão, um ignorante convencido, que levava todos eles àqueles tão desvantajosos e desagradáveis apuros. Sondando-o com cuidado, Stubb ainda percebeu que o nativo de Guernsey não manifestava a menor suspeita do âmbar-gris. [...] “Ele jura e declara, Monsieur, que a outra baleia, a ressecada, é ainda

mais mortífera do que a empestada; em suma, Monsieur, ele nos conjura, se damos valor às nossas vidas, a separarmos-nos destes peixes. ” No mesmo instante, o capitão correu adiante e, em alto e bom som, ordenou à sua tripulação que parasse de içar as talhas e que prontamente soltasse as cordas e as correntes que prendiam as baleias ao navio. [...]. Uma brisa logo soprou; Stubb fingiu soltar a baleia; içando os botes, o Francês logo imprimiu distância, enquanto o Pequod deslizava entre ele e a baleia de Stubb. E então Stubb remou depressa de encontro ao corpo flutuante e, chamando o Pequod para dar nota de suas intenções, começou de pronto a colher o fruto de sua dissimulada injustiça. Pegando a afiada pá de seu bote, deu início ao procedimento de escavação do corpo, um pouco atrás da barbatana lateral. [...] “Aqui, aqui”, gritou Stubb com alegria, batendo em alguma coisa na parte submersa, “uma bolsa, uma bolsa!” Largando a pá, enfiou as duas mãos e tirou uns punhados de uma coisa que parecia sabão de Windsor, ou um velho queijo forte e mosqueado; e, ademais, gorduroso e bastante saboroso. Poderíamos amassá-lo entre os dedos com facilidade; sua cor fica entre o amarelo e o cinza. E isso, caros amigos, é o âmbar gris, do qual cada onça vale um guinéu de ouro em qualquer boticário (MELVILLE, 2013, p. 383-385).

Em *Moby Dick*, a realidade a que o proletário moderno está submetido, e que o leva a fazer coisa de ordem indigna, está expresso com exatidão desde o recrutamento de Ishmael para o navio baleeiro em que decide viajar, com a proposição de um baixíssimo salário, oferecido por um dos muitos sócios e acionistas da embarcação. Os rendimentos a que teria direito, se tudo ocorresse bem na cruzada, dariam ao final para pagar pela roupa que teria usado ao longo do tempo empregado na empreitada, uma vez que seus ganhos estavam condicionados ao lucro gerado na viagem.

Comecei a achar que estava na hora de decidir em que condições iria me comprometer a viajar. Já sabia que no negócio de baleias não se recebem salários; mas toda a tripulação, inclusive o comandante, recebe uma cota dos lucros, e essas cotas são proporcionais ao grau de importância da função desempenhada no navio. Também sabia que, sendo um novato na pesca de baleias, minha cota não seria muito grande; [...] se tivéssemos sorte na viagem, quase poderia pagar pela roupa que eu teria que usar, sem falar na alimentação e alojamento por três anos, pelos quais eu não teria que pagar nada. [...] “Bem, capitão Bildad”, interrompeu Peleg, “que pensas, que cota devemos oferecer a esse jovem?” “Tu sabes melhor do que eu”, foi sua resposta sepulcral, “achas que uma cota de 777 seria excessiva? – “onde a traça e a ferrugem os consome; mas ajuntai tesouros no céu...” Mas que tesouro, pensei. Um tesouro de 777 avos! Bem, velho Bildad, você está determinando que eu não tenha muitos tesouros aqui embaixo, onde a traça e a ferrugem nos consomem. Era um tesouro extremamente modesto; e, embora a magnitude do número devesse iludir um homem da terra, basta refletir um pouco para se perceber que o número 777 é grande; no entanto, se tiver um avo no final, observa-se que 777 avos é muito menos do que 777 dobrões de ouro; foi desse modo que pensei na ocasião. “Ora, que diabos, Bildad”, gritou Peleg, “não queres enganar esse jovem rapaz! Ele deve receber mais que isso.” “Setecentos e setenta e sete avos”, repetiu Bildad, sem levantar os olhos; e continuou a murmurar, “pois, onde está o teu tesouro, aí está, também, o teu coração.” “Vou lhe dar

trezentos avos”, disse Peleg, “estás ouvindo, Bildad? Um tesouro de trezentos avos, repito.” Bildad abaixou seu livro, virou-se para ele e disse, “Capitão Peleg, tens um coração generoso; mas deves considerar os teus deveres para com os outros proprietários deste navio – viúvas e órfãos, em sua maioria – e, se recompensarmos em excesso o trabalho desse jovem rapaz, estaremos tirando o pão dessas viúvas e órfãos. Setecentos e setenta e sete avos, capitão Peleg.” (MELVILLE, 2013, p. 83-84).

Juntamente com o processo de dominação das forças produtivas e dos meios de produção em massa, é fator preponderante, para o estabelecimento da dominação da classe burguesa pós-revolução industrial, a expansão comercial, com o estabelecimento de relações em diversos setores e por todo globo, uma vez que é imperativo para o funcionamento do sistema econômico capitalista a sua constante expansão. Tal difusão promoveu no mercado mundial, uma homogeneização da produção e do consumo, fazendo com que as indústrias nacionais, propriedade de pequenos burgueses que lideravam segmentos localizados de mercado, fossem inviabilizadas pela concorrência, através dos baixos preços de uma produção global oferecidos pela alta burguesia, custeados pela exploração do trabalho e a utilização de matérias primas vindas dos lugares mais remotos e fáceis de explorar tanto no sentido cambial quanto prático.

A necessidade de um mercado constantemente em expansão impele a burguesia a invadir todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte. Por meio de sua exploração do mercado mundial, a burguesia deu um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para desespero dos reacionários, retirou da indústria sua base nacional. As velhas indústrias nacionais foram destruídas ou estão-se destruindo dia a dia. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão de vida e morte para todas as nações civilizadas, por indústrias que não empregam matérias-primas autóctones, mas matérias primas vindas das zonas mais remotas; indústrias cujos produtos se consomem não somente no próprio país, mas em todas as partes do globo. Em lugar das antigas necessidades, satisfeitas pela produção nacional, encontramos novas necessidades que requerem para sua satisfação os produtos das regiões mais longínquas e dos climas mais diversos. Em lugar do antigo isolamento local e da autossuficiência das nações, desenvolvem-se, em todas as direções, um intercâmbio e uma interdependência universais. E isso tanto na produção material quanto na intelectual. As criações intelectuais de uma nação tornam-se propriedade comum de todas. A estreiteza e o exclusivismo nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis e das numerosas literaturas nacionais e locais surge a literatura universal (MARX & ENGELS, 2003, p. 29).

O estabelecimento de uma interdependência global de produção e de consumo fez com que o sistema capitalista, capitaneado pela burguesia, rompesse as fronteiras nacionais e as barreiras comerciais, e tal feito só se tornou possível,

com a efetiva contribuição do setor marítimo, fundamental a todo processo de intercâmbio de bens e serviços, necessário para a efetivação do estabelecimento de dominação do mercado global, pela burguesia moderna. Como destaca o *Manifesto*,

A descoberta da América, o contorno do Cabo abriram novo campo para a burguesia emergente. Os mercados da Índia oriental e da China, a colonização da América, o comércio com as colônias, o aumento dos meios de troca e das mercadorias em geral, deram ao comércio, à navegação, à indústria, um impulso jamais conhecido antes e, conseqüentemente, ao elemento revolucionário da sociedade feudal instável, um rápido desenvolvimento. O sistema feudal da indústria, no qual a produção industrial era monopolizada pelas guildas fechadas, agora não mais atendia às crescentes necessidades dos novos mercados. O sistema manufatureiro tomou o seu lugar. Os mestres das guildas foram postos de lado pela classe média manufatureira; a divisão do trabalho entre as diferentes guildas corporativas desapareceu em face da divisão do trabalho em cada oficina. Entrementes, os mercados continuaram sempre a crescer, a procura sempre a subir. Mesmo a manufatura não mais atendia ao necessário. Em conseqüência, o vapor e as máquinas revolucionaram a produção industrial. O lugar da manufatura foi ocupado pela gigantesca indústria moderna, o lugar da classe média industrial pelos milionários industriais, os líderes de completos exércitos industriais, a burguesia moderna. A indústria moderna estabeleceu o mercado mundial, para o qual a descoberta da América preparou terreno. Esse mercado deu um imenso desenvolvimento ao comércio, à navegação e à comunicação por terra. Esse desenvolvimento, por sua vez, reagiu à extensão da indústria; e na proporção que a indústria, o comércio, a navegação e as estradas de ferro se estendiam, na mesma proporção a burguesia se desenvolvia, aumentava seu capital e punha em plano secundário toda classe legada pela Idade Média. (MARX & ENGELS, 2003, p. 27).

Em *Moby Dick*, a importância das navegações para o estabelecimento de uma economia global, apontada pelo manifesto, é referendada. Melville insere, no universo literário, o pioneirismo da navegação baleeira na abertura das relações entre as principais potências econômicas e os ditos países bárbaros, onde “não havia nenhum comércio a não ser o colonial”. Na obra, esse pioneirismo é destacado em minúcias na chegada e contorno do Cabo Horn, uma vez que seu contorno é passagem obrigatória ao Oceano Pacífico e, por conseguinte, aos países por ele banhado, abrindo assim caminho às viagens com fins mercantes, indispensáveis ao estabelecimento do sistema capitalista, e à retirada de todas essas nações do jugo da barbárie, trazendo-as “ao mundo esclarecido”.

Durante muitos anos, o baleeiro foi o pioneiro descobridor das mais remotas e menos conhecidas partes da terra. Explorou oceanos e arquipélagos que não estavam nos mapas, onde Cook e Vancouver jamais tinham navegado. [...] Ah, o mundo! Oh, o mundo! Enquanto a pesca de baleias não chegou ao cabo Horn, não havia nenhum comércio a não ser o colonial, quase nenhuma outra relação a não ser a colonial, entre a Europa e a extensa

linha de opulentas províncias Espanholas da costa do Pacífico. Foi o baleeiro o primeiro a romper com a política invejosa da coroa Espanhola em relação a essas colônias; e, se o espaço permitisse, poderia demonstrar como esses baleeiros tornaram possíveis não só a libertação de Peru, Chile e Bolívia do jugo da velha Espanha, como também o estabelecimento da democracia eterna naquelas regiões. Aquela grande América do outro lado do globo, a Austrália, foi entregue ao mundo esclarecido pelo baleeiro. Após ter sido descoberta por acaso por um Holandês, por muito tempo os navios passaram longe dessas praias, consideradas pestíferas e bárbaras; mas o navio baleeiro foi até lá. O navio baleeiro é uma verdadeira mãe daquela, atualmente, poderosa colônia. Além disso, na infância dos primeiros assentamentos Australianos, os emigrantes foram salvos inúmeras vezes da inanição graças ao biscoito benevolente do navio baleeiro, que por sorte ali lançava sua âncora. As incontáveis ilhas da Polinésia confessam a mesma verdade e prestam homenagem comercial ao navio baleeiro, que abriu caminho para o missionário e para o mercador, e que em muitos casos levou os missionários primitivos a seus destinos iniciais. Se aquela terra duplamente fechada que é o Japão um dia se tornar hospitaleira, o mérito terá sido do navio baleeiro; pois lá ele esteve desde o princípio. (MELVILLE, 2013, p.111-112).

Como registrado pela história da humanidade, não mais de dois séculos atrás, as separações continentais, mais do que divisões políticas, significavam também a separação do planeta em zonas habitadas por bárbaros ou por homens civilizados, divisão esta assentada nas bases morais e modelos de desenvolvimento ocidental.

Com o rápido aprimoramento de todos os meios de produção, com as imensas facilidades dos meios de comunicação, a burguesia arrasta todas as nações, mesmo as mais bárbaras, para a civilização. Os baixos preços de suas mercadorias formam a artilharia pesada com que destrói todas as muralhas da China, com que obriga à capitulação os bárbaros mais hostis aos estrangeiros. Força todas as nações, sob pena de extinção, a adotarem o modo burguês de produção; força-as a adotarem o que ela chama de civilização, isto é, a se tornarem burguesas. Em uma palavra, cria um mundo à sua imagem (MARX & ENGELS, 2003, p. 30).

Em *Moby Dick*, a mesma noção expressa no *Manifesto* de barbárie ou civilização condicionada ao desenvolvimento econômico, está posta não somente quando referenda a importância da pesca baleeira para a comércio global, mas também quando atribui ao personagem Queequeg a concepção de bárbaro em meio aos ditos civilizados, tendo como base para tal consideração o fato dele não ser descendente de uma zona ou continente industrializado ou com relações comerciais ou políticas com os países do primeiro mundo, ditos civilizados, além do fato de o personagem não cultuar o mesmo deus, sendo considerado canibal, não por seus hábitos ou atos, mas pelo total desconhecimento que tinham das suas origens culturais.

Queequeg era nativo de Kokovoko, uma ilha distante ao Oeste e Sul. Não está em nenhum mapa; os verdadeiros lugares nunca estão. Quando era apenas um jovem selvagem correndo por suas florestas nativas numa tanga de capim, seguido por cabras que o mordiscavam como se ele fosse um broto verde, já naquela época, na alma ambiciosa de Queequeg espreitava o forte desejo de ver algo mais da Cristandade do que apenas alguns exemplares de baleeiros. Seu pai era um Grande Chefe, um Rei; seu tio, um Grande Sacerdote; e pelo lado materno podia ostentar tias que eram esposas de guerreiros invencíveis. Havia excelente sangue em suas veias – sangue real; embora infelizmente viciado, receio, dada a propensão ao canibalismo que alimentou em sua juventude desprovida de tutores (MELVILLE, 2013, p. 65).

Questão fundamentalmente relevante, e que de certo modo caracteriza a revolução industrial, e é tratado expressamente no *Manifesto*, é o começo da utilização de maquinarias na produção, uma vez que até o presente período as máquinas existentes estavam basicamente a serviço de um ou mais operários que delas se utilizavam para o trabalho que tinham a executar. Nesse aspecto, um novo marco se estabelece na revolução industrial, e os operários passam a ter seu trabalho condicionado às imponentes máquinas, sendo eles, operários, agora a servi-las. Esse fator revela dois aspectos já referidos: o primeiro é o da não necessidade de uma grande especialização dos operários, já que dos mesmos passa a ser exigido um trabalho mecânico, apenas de controle dos processos executados pelas máquinas, e que pode ser feito por qualquer trabalhador, não sendo assim as potencialidades, e nem mesmo a formação dos trabalhadores, uma necessidade imediata do mercado. O segundo é que, com a utilização das maquinarias, potencializou-se a escala de produção e possibilitou a expansão comercial, aumentando sobremaneira os lucros da burguesia, tornando ainda mais brutais as relações entre proletários e burgueses, já que os empregadores não mais dependiam completamente de seus operários, uma vez que cada máquina em atividade significava mais trabalhadores desempregados e conseqüente aumento da oferta de mão de obra; portanto, um constante arrocho salarial.

Devido ao uso intensivo da máquina e à divisão do trabalho, o trabalho proletário perdeu seu caráter individual e, por conseguinte, todo o seu atrativo. O produtor tornou-se um apêndice da máquina, e só requer dele a operação mais simples, mais monótona e mais fácil de aprender. Desse modo, o custo da produção de um operário se reduz, quase completamente, aos meios de subsistência que ele necessita para viver e para perpetuar a raça. [...] A indústria moderna transformou a pequena oficina do antigo mestre de corporação na grande fábrica do capitalista industrial. Massas de operários, aglomerados nas fábricas, são organizados como soldados. Como membros do exército industrial estão subordinados à perfeita hierarquia de oficiais e suboficiais (MARX & ENGELS, 2003, p.32).

Do mesmo modo que em *Moby Dick*, em *Os Trabalhadores do Mar*, a máquina a vapor da embarcação “Durande”, de propriedade de Mess Lethierry, é peça central no enredo, uma vez que se desenvolve em torno da tentativa do seu resgate, trazendo para a trama todo o simbolismo da importância da posse das maquinarias, aos burgueses e à própria revolução industrial. Com a consideração de que o progresso, a boa ventura consistia na máquina, sua perda representava não somente a Mess Lethierry a ruína, mas também uma queda na qualidade de prestação do transporte entre Guernesey e Saint-Malo, com a volta das incertezas quanto aos horários que, sem a máquina, estavam condicionados às condições climáticas. Ou seja, a máquina a vapor representava para a burguesia a prosperidade no novo mundo, assim como a ruína, com a sua perda. Em meio à crise financeira própria das perdas e incertezas do empreendedorismo, abate-se sobre Mess Lethierry uma crise existencial de um trabalhador já sem condições de trabalhar devido à idade, ao abandono de todos os ditos amigos e à perda das benesses que cercam aos bem-aventurados.

A Durande estava deslocada; a água começava agora a despedaçá-la. Dentro de alguns dias nada mais restaria dela. E contudo a máquina, coisa notável, e que provava a sua perfeição, sofreu pouco com a tempestade. [...] a conversação dos grupos recaiu sobre a máquina. Interessavam-se por ela, como se fosse uma pessoa. Todos admiravam o bom procedimento da máquina. “Sólida comadre aquela”, dizia um marinheiro francês. “É magnífica!”, exclamava um pescador guernesiano. “Deve ter sido muito astuciosa”, acrescentava o patrão, “para escapar apenas com alguns arranhões.” A pouco e pouco tornou-se a máquina a preocupação única. Animou as opiniões pró e contra. Tinha amigos e inimigos. Mais de um, que tinha algum velho cúter de vela, e esperava apanhar a freguesia da Durande, alegrou-se por ver o escolho Douvres fazer justiça à nova invenção. O cochicho tornou-se algazarra. Discutia-se com barulho. Era contudo um rumor discreto, que de quando em quando se calava sob a pressão do silêncio sepulcral de Lethierry. Do colóquio havido em todos os pontos resultava isto: A máquina era o essencial. Refazer o navio era possível, não a máquina. Era única. Para fabricar outra faltavam o dinheiro e o fabricante. Lembram-se de que o construtor tinha morrido. Custou 40 000 francos. Ninguém arriscaria agora aquele capital naquela eventualidade; tanto mais quanto acabava de provar-se que os vapores naufragam como navios de vela; o acidente atual da Durande metia a pique o seu passado sucedimento. E era doloroso pensar que naquele momento a máquina ainda estava em bom estado, e que, antes de cinco ou seis dias, ficaria despedaçada como o navio. Enquanto existia a máquina, podia dizer-se que não havia naufrágio. Só a perda da máquina era irremediável. Salvar a máquina era reparar o desastre (HUGO, 2002, p.115).

Mess Lethierry, por sua vez, não é o personagem principal em *Os Trabalhadores do Mar*, mas tem uma destacada participação no enredo. Sempre foi um aventureiro que conhecia o mar como ninguém, aprendeu através de suas andanças a ler, pensar e querer. Em tempos em que o aparecimento de uma máquina a vapor pelas águas da França ainda era motivo de assombro, foi ele, na qualidade de marinheiro atrevido e pensador sagaz, que empreendeu a primeira empresa de navegação a vapor francesa. Em *Os Trabalhadores do Mar*, a dominação do mercado pela burguesia moderna, somente possível graças a dois processos fundamentais, o aumento da escala de produção e a expansão comercial, que tem em comum a utilização de maquinarias, pode ser observado em minúcias. O invento das máquinas e sua utilização nas indústrias possibilitaram, com seu incansável labor e agilidade para executar tarefas humanamente inviáveis, um aumento na escala produtiva. Ou seja, é impossível desassociar o grande salto na produção da utilização de máquinas, e mais ainda: que essa produção conseguisse ser competitiva financeiramente, já que os baixos custos, principal trunfo para o estabelecimento e conquista do mercado global, tem direta ligação também com a utilização dessa força produtiva. Porém, não somente nos setores produtivos as maquinarias foram essenciais, seu invento e utilização foram fundamentais também no aperfeiçoamento do setor de transportes e distribuição de mercadorias, já que sem mercados para importar e exportar a produção, em nada adiantaria o aumento de produtividade. Por esse motivo, a embarcação a vapor tem esse destacado papel no processo, uma vez que foi a partir de inventos como esse que o comércio marítimo passou de fato a estabelecer interligações mais amplas entre mercados. Como podemos observar na obra, a utilização da embarcação a vapor trouxe inestimável valor para o desenvolvimento comercial:

Todos os proprietários de navios de carreira entre a ilha guernesiana e a costa francesa clamaram imediatamente. Denunciaram aquele atentado feito às Santas Escrituras e ao monopólio. Alguns templos fulminaram. Um reverendo, por nome Elihu, chamou ao vapor uma libertinagem. O barco à vela foi declarado ortodoxo. Viu-se distintamente que eram pontas do diabo as pontas dos bois que o vapor trazia e desembarcava. Durou o protesto um bom par de dias. Mas a pouco e pouco foram vendo que os tais bois chegavam menos estafados, e vendiam-se melhor, por ser a carne mais tenra; que também para os homens eram menores os riscos do mar; que a passagem, menos dispendiosa, era segura e mais curta; que eram fixas as horas da saída e da chegada; que o peixe, viajando mais depressa, chegava mais fresco, e que se podia levar aos mercados franceses as sobras das grandes pescas, tão frequentes em Guernesey; que a manteiga das admiráveis vacas de Guernesey fazia mais rapidamente o trajeto no

Devil-Boat que nas chalupas à vela, e não perdia na qualidade, de maneira que afluíam as encomendas de Dinan, de Saint-Brieuc e de Rennes; finalmente que, graças ao que se chamava Galeota de Lethierry, havia segurança de viagem, regularidade de comunicação, tráfego fácil e pronto, aumento de circulação, multiplicação de mercados, extensão de comércio; em suma, que era preciso aproveitar o Devil-Boat que violava a Bíblia e enriquecia a ilha (HUGO, 2002, p. 31).

Em *Os Trabalhadores do Mar*, é possível identificar outro dado relevante de que trata o *Manifesto*: o crescimento econômico da classe moderna burguesa, reduzindo proporcionalmente a pequena burguesia e estabelecendo natural dominação do mercado, graças à potencialidade que a implementação das maquinarias, na produção e na distribuição de mercadorias, trouxe à expansão comercial, como se pode ver no trecho que segue:

As camadas inferiores da classe média — os pequenos industriais, pequenos comerciantes e pessoas que possuem rendas, artesãos e camponeses — caem, pouco a pouco, no proletariado, em parte devido ao seu capital diminuto que não está à altura da indústria moderna, sucumbindo na concorrência, em parte porque sua habilidade profissional é desvalorizada pelos novos métodos de produção. Assim, o proletariado é recrutado em todas as classes da população. (MARX & ENGELS, 2003, p.33).

Mesmo inicialmente sendo alvo de críticas e incompreensão quanto ao seu empreendimento, Mess Lethierry provou e conquistou a todos com a excelência na prestação de serviços. Sua embarcação a vapor trouxe para o transporte mercante local, além de agilidade e segurança, uma avançada capacidade de carga. Rapidamente, seu empreendimento se consolidou e passou a gerar grandes lucros a Mess Lethierry, como se pode ver no trecho que segue:

Eis o balanço de Mess Lethierry, no tempo em que ocorria isto. Durante cumpriu o que prometera. Mess Lethierry pagou as dívidas, reparou os prejuízos, satisfez as letras de Bremen, fez face aos vencimentos de Saint-Malo. Exonerou a casa em que morava das hipotecas, comprou todas as rendas locais inscritas sobre a casa. Era possuidor de um grande capital produtivo, a Durande. O rendimento líquido do navio era então de 1.000 libras esterlinas e ia crescendo. A bem dizer, Durande era toda a fortuna dele. Era também a fortuna da terra (HUGO, 2002, p. 48).

No trecho acima, a lucratividade obtida pela burguesia através do controle dos meios de transporte mercante, representado na figura de Mess Lethierry – como dito anteriormente, o proprietário da embarcação Durande, primeira embarcação a vapor a entrar em atividade na França – fica evidenciada. Todo o investimento feito já

havia trazido retorno e ainda a embarcação e sua potente máquina continuavam a dar bom lucro: como já citado, a fortuna está basicamente calcada na máquina, pois é a partir dela que os lucros da burguesia, dona dessas maquinarias, consegue elevar sua produção e difundir seus negócios por todo o globo.

A partir do panorama apresentado nas duas obras literárias, pode-se perceber o quanto o texto literário carrega valores culturais e sociais, afirmando ou problematizando os mesmos. Nas obras ficcionais, assim como nos documentos históricos, as faces de um mesmo cenário podem ser desveladas, como aponta Chartier (2009):

Uma segunda razão que faz vacilar a distinção entre história e ficção reside no fato de que a literatura se apodera não só do passado, mas também dos documentos e das técnicas encarregados de manifestar a condição de conhecimento da disciplina histórica. Entre os dispositivos da ficção que minam a intenção ou a pretensão de verdade da história, capturando suas técnicas de prova, deve-se colocar o "efeito de realidade" (CHARTIER, 2009, p. 27).

Em *Moby Dick*, a figura do narrador onisciente, Ishmael, é emblemática para que se compreenda não somente a trama em que o personagem está inserido, mas também a própria condição a que a classe proletária está submetida. Melville, utiliza-se da ironia para abordar na obra, através do narrador, a perda da identidade no universo do trabalho, com a dissociação entre aptidão, formação e ocupação. Ataca ao sistema, problematizando a baixa remuneração atribuída ao trabalho, que leva os proletários à sujeição a tarefas insalubres, tratando como desafortunados, não a eles, mas os que tem que pagar pelo trabalho. Reporta a expansão comercial, impulsionada pelo setor marítimo, através do personagem Queequeg, de uma sociedade que via a barbárie nas nações que não pertenciam ao universo global de produção e consumo.

Já em *Os Trabalhadores do Mar*, a face perversa do domínio da classe burguesa, apontada por Marx & Engels em o *Manifesto*, não é problematizada explicitamente por Victor Hugo, mas de modo algum foi apagada de sua narrativa. Ao se analisar a figura burguesa do personagem Mess Lethierry, essa questão vem à tona, destacando o empoderamento da burguesia com o controle dos meios de produção e distribuição, avançando por todo o globo, fato somente possível pela inserção do maquinário na escala de produção e distribuição. Por fim, ainda na obra é exposta a lucratividade sem precedentes da burguesia, alcançada pelo seu

domínio de mercado, gerando uma conseqüente quebra paulatina da pequena burguesia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é oriundo da análise de dois dos maiores clássicos da literatura universal, *Moby Dick* e *Os Trabalhadores do Mar*, em contraponto com o *Manifesto Comunista*, um dos documentos históricos de maior influência mundial, reconhecido não somente por seu conteúdo de cunho político, mas também por, através de seu conteúdo, ser possível imergir em uma análise histórica, econômica e social do trabalho. Tal pesquisa objetivou averiguar de que modo as obras literárias em questão se apropriaram de fatos históricos e representaram o trabalho no universo ficcional, uma vez que, como aponta Chartier (2009), ao longo da história as obras literárias registraram tão bem quanto a própria historiografia as representações coletivas do passado.

Apesar de só a partir da década de 1980 (NITRINI, 2010), devido à influência dos *cultural studies*, a literatura comparada ter sistematizado uma aproximação da disciplina a diferentes áreas do conhecimento, como entre literatura e história, na verdade, história e literatura sempre estiveram imbricadas. Isto, não somente por ambas se constituírem por meio da linguagem, mas também por utilizarem-se da mesma forma de tropos de linguagem para compor suas narrativas, como aponta White (1991).

Tanto na obra ficcional *Moby Dick* quanto em *Os Trabalhadores do Mar* foi possível perceber o quanto o texto literário representou de forma abrangente os aspectos referidos no *Manifesto Comunista*. Escrito no ano de 1848, em meio a tempos de completa ebulição nas relações sociais, políticas e econômicas geradas pelo avanço da revolução industrial, o *Manifesto* aponta para a conflagração de novos tempos nas relações trabalho. Mesmo distando quase dois séculos de nossos dias, sua leitura e análise não perdem a relevância, pois suas considerações ainda nos remetem à realidade, espantando por sua carga de atualidade, inspirando-nos a reflexão e o debate sobre seu conteúdo.

Em *Moby Dick*, por exemplo, a realidade a que a classe proletária estava condicionada foi problematizada a partir da análise de um dos muitos personagens da obra; aqui, a escolha de Ishmael deveu-se por ser ele o personagem-narrador. Melville faz uso da ironia e dos subterfúgios da intertextualidade para problematizar as condições a que estavam submetidos os proletários na virada da segunda metade do século XIX, quando são conflagradas as bases do trabalho na sociedade

moderna burguesa, as quais modificaram para sempre a relação do homem com o trabalho. Dotando sua narrativa de um cunho contestatório, Melville aproxima sua obra ficcional de questões centrais trazidas pelo *Manifesto Comunista*.

Em *Os Trabalhadores do Mar*, a análise concentrou-se no personagem Mess Lethierry, que pode ser percebido na narrativa como representante da classe burguesa. Mesmo que não problematizados explicitamente por Victor Hugo, aspectos como a importância das maquinarias para a efetivação das relações comerciais e a lucratividade sem precedentes da classe burguesa não foram apagados da narrativa, e uma análise contrastiva de tais aspectos alinha-se ao exposto por Marx & Engels no *Manifesto*.

Por fim, cabe ressaltar a vastidão de possibilidades de investigação que as obras canônicas em estudo permitem, não sendo pretensão deste trabalho encerrar as questões aqui levantadas, pois o diálogo entre texto literário e documento histórico permite uma infinidade de outras miradas e descobertas de novas chaves de leitura. Este ensaio apenas pretende lançar luz sobre as bases do trabalho na sociedade moderna, buscando compreender melhor através dessa análise comparatista a primeira modernidade, mas que se refletem ainda cotidianamente em nossas vidas na chamada modernidade tardia.

REFERÊNCIAS

CARELLI, Fabiana Buitor. **Aula 1 - Fundamentos da Literatura Comparada - Parte 1**. Disponível em: <<http://www.eaulas.usp.br/portal/video.action?idItem=6383>> Acesso em: 28 Jul. 2016.

_____. **Aula 1 - Fundamentos da Literatura Comparada - Parte 2**. Disponível em: <<http://www.eaulas.usp.br/portal/video.action?idItem=6384>> Acesso em: 28 Jul. 2016.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editoria, 2009.

HUGO, Victor. **Os trabalhadores do mar**. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/traducao/matr02.pdf>> Acesso em: 20 Dez. 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. 2002 [1848]. Disponível em: <http://www.pstu.org.br/sites/default/files/biblioteca/marx_engels_manifesto.pdf> Acesso em: 20 Dez. 2015.

MELVILLE, Herman. **Moby Dick**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada História, Teoria e Crítica**. 3. ed. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1991, p. 21-48.